



Sabia que...

A Colep é líder europeu no fabrico de produtos de consumo de higiene pessoal e de parafarmácia em regime de 'outsourcing' para as grandes marcas mundiais?

Diário de Notícias

www.dn.pt

SEGUNDA-FEIRA, 14 de Novembro de 2011, Ano 147.º, N.º 52 083, 1,10€

Director JOÃO MARCELINO Directora Adjunta FILOMENA MARTINS Subdirectores LEONÍDIO PAULO FERREIRA, NUNO SARAIVA E PEDRO TADEU

Açores: a 'bomba de gasolina' das baleias

O que a Bósnia sabe do futebol português

CIÊNCIA PÁG. 27

ESPECIAL PÁGS. 28 E 29

17 novas famílias por dia pedem ajuda para comer

Pobreza. Cáritas está a ficar sem capacidade para responder ao crescente número de pedidos

O aumento do desemprego, a perda de subsídios, a subida das rendas de habitação e a precariedade laboral são as principais razões que colocam cada vez mais portu-

gueses em dificuldade e a necessitar do apoio de instituições de solidariedade social. Segundo os dados só da Cáritas Portuguesa, desde o início do ano já foram ajuda-

dos mais de 28 mil agregados familiares, correspondentes a 66 525 pessoas. No mesmo período foram recebidas inscrições de 4645 novas famílias (média de 516 por mês),

equivalentes a 12 535 novas pessoas apoiadas (1392 por mês). E, no terreno, constata-se que o perfil daqueles que pedem apoio está a mudar rapidamente. **PAÍS** PÁG. 20

Raptos e torturas de traficantes estão a alarmar Judiciária



CRIME Gangues da droga estão a raptar e a torturar com extrema crueldade e violência os seus "inimigos", até porque estes raramente se podem queixar. Trata-se sobretudo de jovens delinquentes da Grande Lisboa. Unidade Contra-Terrorismo da PJ teme que o fenómeno saia do círculo do crime e alastre à população. **ACTUAL** PÁGS. 10 E 11

Secretário de Estado aumenta assessor em dois mil euros

FISCO Paulo Nuncio chamou funcionário do Centro de Estudos Fiscais e aumentou-o. **PAÍS** PÁG. 14

Advogados querem expulsar deputados, padres e jornalistas

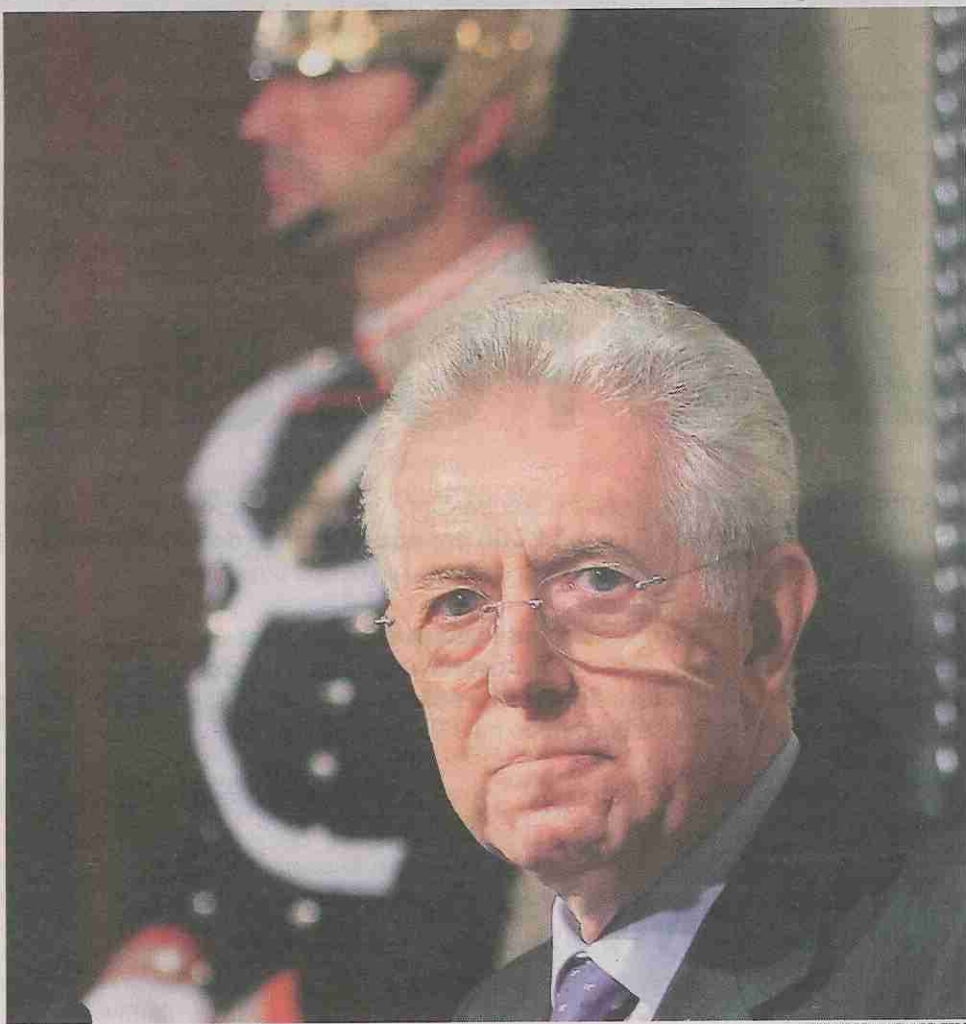
CONGRESSO Aprovado regime de incompatibilidades na profissão. Mas AR tem de aprovar. **PAÍS** PÁG. 23

Empresas de construção estão a apostar no Iraque

OBRAS Mercado avaliado em cem mil milhões de dólares e já com poucos riscos. **BOLSA** PÁG. 35

Passos às avessas com Cavaco por causa do BCE e de Merkel

POLÉMICA Papel do BCE no combate à crise divide. Seguro e Louçã falam de seguidismo. **PAÍS** PÁG. 16



STEFANO RELLANDINI/REUTERS

Como Monti vai tentar recuperar a Itália

GOVERNO Ex-comissário europeu nomeado ontem após uma maratona de negociações para evitar uma segunda-feira negra na Bolsa transalpina. "Super Mario", como é conhecido, tem uma semana para formar governo, mas pode até apresentar um novo executivo já hoje. E dá uma garantia aos mercados e à UE: "A Itália vai ser um factor de força e não de fraqueza." **GLOBO** PÁGS. 30 E 31

Igreja proíbe católicos de serem maçons



- "Os fiéis que pertencem a associações maçónicas estão em pecado grave", escreveu, em 83, o actual Papa, **Joseph Ratzinger**
- "A procura de influência da maçonaria em sectores da vida portuguesa, aliada ao PS, é conhecida", diz **D. António Marcelino**
- "Um católico, consciente da sua fé e que celebra a Eucaristia não pode ser maçom", avisa **D. José Policarpo**

Amoreiras oferece-lhe
€1000
por semana,
€5 por dia
e um
feliz natal

Consulta o requerimento em www.mundocartaoitcard.com

gi
grande
investigação
DN

AS RAÍZES DA MAÇONARIA

Igreja arrasa maçonaria

Inimigos. A história encarregou-se de dar à Igreja um ódio de estimação: a maçonaria. O Concílio Vaticano II abriu a porta ao diálogo, mas, em Portugal, segue-se uma inflexível declaração de Ratzinger e o conflito agudizou-se há sete anos, com o funeral de Nunes de Almeida. Bispo emérito acusa maçonaria de querer controlar sociedade

RUI PEDRO ANTUNES

Igreja Católica e maçonaria continuam de costas voltadas. Embora recuse o termo "inimigos", a posição da Igreja portuguesa quanto à maçonaria é clara: qualquer fiel que siga rituais maçónicos está em "pecado grave". Bispos portugueses, contactados pelo DN, colocam mesmo uma barreira entre as duas organizações. Um deles diz ser "inadmissível" que a maçonaria, aliada ao PS, procure controlar a sociedade. Já o Opus Dei nem sequer quer ter nada a ver com a maçonaria.

No entanto, a posição dos maçons é diferente. O presidente da maior organização mundial da maçonaria adogmática (CLIP-SAS), António Reis, considera que "o conflito com a Igreja Católica tem vindo a ser atenuado nos últimos anos, sobretudo depois do Concílio Vaticano II". O conclave, realizado nos anos 60, abriu portas para que a Igreja deixasse de ver a maçonaria como um "inimigo", levantando uma questão: pode um católico ser maçom? A dúvida permaneceu até que, nos anos 80, o cardeal Joseph Ratzinger (hoje Papa) emitiu uma declaração sobre a maçonaria na Congregação para a Doutrina da Fé, a que o DN teve acesso.

Contactado pelo DN para se pronunciar sobre a relação entre a Igreja e a maçonaria, o bispo do Porto, D. Manuel Clemente, diz não existir "nenhum documento posterior a esse", nem "uma posição própria da Igreja portuguesa". Ou seja: é esta declaração de Ratzinger, de 1983, que ainda hoje define a postura da Igreja perante a Maçonaria.

De acordo com o documento, escrito pelo

agora Papa Bento XVI, "permanece imutável o parecer negativo da Igreja a respeito das associações maçónicas (...) e por isso permanece proibida a inscrição nelas". A declaração – para a qual remeteu D. Manuel Clemente – refere que "os fiéis que pertencem às associações maçónicas estão em pecado grave e não podem aproximar-se da Sagrada Comunhão".

Já o bispo emérito de Aveiro, D. António Marcelino, lembra que o diálogo entre a Igreja e a maçonaria "foi procurado nos pontificados de Paulo VI e João Paulo II", mas "tentativas válidas e sérias goraram-se, não por culpa da Igreja". Embora considere possível uma aproximação entre as duas entidades, António Marcelino não poupa nas críticas à maçonaria

CONFLITO

Opus Dei rejeita comparações

► Apesar do Opus Dei ser muitas vezes visto como a "maçonaria da Igreja", um dos responsáveis da organização considera a comparação "descabida", pois diz que "as organizações não têm nada a ver uma com a outra". A mesma fonte disse ao DN que "a existir um binómio, é entre a maçonaria e a Igreja Católica, não entre a maçonaria e o Opus Dei". Por outro lado, o mesmo responsável reconhece que "a obra não gosta de ser associada como antagonismo da maçonaria, o que muitas vezes os maçons fazem".

portuguesa e já chegou a escrever, há uns anos, "que a maçonaria estava a herdar tiques da velha carbonária e a manifestar algum espírito de anticlericalismo". O bispo emérito considera agora, em declarações ao DN, que esse "espírito não morreu por completo, nem se purificou, e isso aparece ainda com alguma clareza em certos ataques à Igreja e à sua acção".

Embora reconheça que estes ataques não partem de todas as obediências, D. António Marcelino refere que "a procura de influência da maçonaria em sectores da vida portuguesa, aliada ao Partido Socialista, é conhecida e tem sido objecto de campanhas de conquista e de adesão, junto de gente mais nova com formação superior ou universitária.

Os corredores do Parlamento, por exemplo, podem testemunhá-lo". O bispo emérito acrescenta ainda que "este facto tem ma-

nifesta influência nas leis, nas decisões políticas e governamentais, nomeadamente nos campos do ensino e da educação", algo que considera "inadmissível", pois "vai contra os princípios de uma sociedade livre e nega a liberdade democrática e a participação legítima na sociedade".

Funeral reabriu conflito

Há sete anos, o funeral do maçom e ex-presidente do Tribunal Constitucional, Luís Nunes de Al-

meida, acabou com a "paz podre" existente entre a Igreja e a maçonaria. Levou até a que o cardeal-patriarca dedicasse parte da sua nota pastoral da Quaresma ao conflito. Isto porque, de acordo com o que escreveu D. José Policarpo, "o grão-mestre da maçonaria, com o nosso desconhecimento, convocou um ritual maçónico, em honra do defunto, a realizar num espaço da Basílica [da Estrela]". No documento, o cardeal-patriarca considerou ainda o acto de "imprudente e indevido".

As farpas de Policarpo tinham um alvo principal: António Arnaut, então grão-mestre do Grande Oriente Lusitano. Na cerimónia estiveram presentes outros maçons do GOL próximos de Nunes de Almeida, como o ex-ministro Rui Pereira.

O sucedido fez com que o cardeal-patriarca deixasse mais uma vez o aviso: "Um católico, consciente da sua fé e que celebra a Eucaristia, não pode ser maçom." E reflectiu: "Haverá, ainda hoje, uma luta entre a maçonaria e a Igreja? Não nos termos em que se pôs no passado, embora não devamos ser ingénuos: a maçonaria – sobretudo algumas das 'obediências' – lutará sempre contra valores inspiradores que tenham a sua origem na dimensão sobrenatural da nossa fé."

Quando a Igreja fala de "algumas obediências" é porque a relação com a Grande Loja Legal de Portugal é mais consensual do que com o GOL. Embora existam diversos católicos no GOL, há na obediência uma tradição laicista. Já na GLLP, de acordo como o grão-mestre José Moreno, "a maioria dos membros são católicos". Este factor facilita, naturalmente, a aproximação entre a maçonaria regular e a Igreja em Portugal.



● **Os 'inimigos' da maçonaria: a 'guerra' com a Igreja Católica** (págs. 4 e 5) ● **Maçonas não páram de crescer** (págs. 6 e 7) ● **Entrevistas a grão-mestres das duas maiores obediências** (págs. 8 e 9)

DEBATE HOJE ÀS 17.00 NO AUDITÓRIO DN
TRANSMISSÃO EM DIRECTO EM: WWW.DN.PT

Oradores

- ▶ José Manuel Anes (ex-grão-mestre da GLLP)
- ▶ António Reis (ex-grão-mestre do GOL e presidente do CLIPSAS)
- ▶ José Eduardo Franco (historiador e ensaísta)
- ▶ João Soares (deputado e maçom do GOL)

Moderador

- ▶ André Macedo

Lojas na Madeira abriram antes do pior resultado de Jardim

Não há figura pública que nos últimos tempos mais tenha atacado a maçonaria que Alberto João Jardim. Coincidência ou não, quatro meses antes das eleições regionais, o Grande Oriente Lusitano abriu duas lojas maçónicas na Madeira. Mas o presidente do Governo Regional acabou por ser eleito com maioria absoluta, embora com o pior resultado de sempre.

A campanha eleitoral foi dominada pela descoberta de um buraco financeiro na Madeira, ao qual Alberto João Jardim reagiu com críticas a organizações que, alegadamente, queriam prejudicar a Madeira. "O que se está a passar foi aquilo de que já avisei o povo madeirense: é mobilizar-se a comunicação social do Continente, mobilizar-se, agora, até neste caso, os próprios sectores da União Europeia que são afectos à Internacional Socialista e que estão a trabalhar neste grupo da *troika*, a maçonaria mobilizou tudo quanto podia em termos de utilizar este período para atacar a Madeira", referiu o presidente do Governo Regional.

O presidente do CLIPSAS e ex-grão-mestre do GOL, António Reis, comenta estas afirmações dizendo que "há sempre a tendência, ao longo da história, de fazer da maçonaria o bode expiatório para as desgraças que acontecem num determinado País ou numa determinada região". Muito crítico do presidente do Governo Regional da Madeira, o ex-deputado socialista acrescenta: "Mais uma vez a história repete-se. Mas eu creio que, vindo da boca de quem vem, isso só prestigia a maçonaria."

António Reis sublinha ainda: "Sinto-me orgulhoso pelo facto de, mesmo no final do meu mandato, terem sido criadas duas oficinas maçónicas na Madeira pela primeira vez depois do 25 de Abril."

A Grande Loja Legal de Portugal também tem lojas na Madeira. RUI PEDRO ANTUNES

DA INQUISIÇÃO A SALAZAR, UMA LONGA HISTÓRIA DE PERSEGUIÇÕES

▶ Encarados com desconfiança, os maçons sempre foram mal-vistos ao longo dos séculos. No início, devido às más relações entre maçonaria e igreja, era a Santa Inquisição a persegui-los, com o mesmo fervor com que castigava os outros ditos "infiéis". Depois, foram as ditaduras de Franco e Salazar a tentar aniquilar qualquer réstia de ideais maçónicos na Península Ibérica. Sem sucesso...



INIMIGO N.º 1: A INQUISIÇÃO

▶ Braço violento da Igreja Católica, a "Santa Inquisição", como era chamada, não perdoava qualquer tipo de desvios. Ao longo do século XVIII, muitos livros e documentos maçónicos foram queimados. E os maçons eram torturados e excomungados ferozmente como "bruxas", judeus e demais "infiéis".



FRANCO DIZIMOU A INSTITUIÇÃO

▶ A maçonaria estava intimamente ligada ao ideal republicano e isso fez dela um dos principais ódios do ditador espanhol Francisco Franco. A maioria dos maçons foi presa. E a minoria que escapou foi perseguida até ao exílio (muitos vieram refugiar-se em Portugal). Por essas razões, quase nem restam artefactos e documentos dessa época na actualidade.



SALAZAR NÃO LHE DEU ESPAÇO

▶ Tal como Franco, também Salazar não deu espaço à maçonaria devido à sua ligação à República. Logo no início do Estado Novo, o GOL foi ilegalizado (tal como todas as instituições "secretas") e os seus bens foram entregues à Legião Portuguesa. Na clandestinidade, poucos maçons subsistiram: quando a revolução de Abril pôs fim à ditadura, apenas restavam cerca de 200 "irmãos", quando antes eram largos milhares.

As ameaças da extrema-direita

A maçonaria e a extrema-direita também têm um conflito genético. Houve vários maçons contactados pelo DN que não se quiseram identificar, alegando que as suas "caras, nomes e morada" já circularam por diversos "sites e blogues de extrema-direita", que tinham por objectivo "caçar" (agredir) elementos das organizações maçónicas. Este aspecto, garantem, é mais um motivo para que a organização se mantenha "discreta". As listagens, explicou ao DN um maçom que já viveu essa ameaça na pele, "incluem, muitas vezes, as moradas das empresas onde trabalhamos e outros detalhes sobre a nossa vida". O Grande Oriente Lusitano, que tem uma parte aberta ao público, já teve inclusive problemas com um elemento de extrema-direita na sua sede. Ao que o DN apurou junto de um membro da Dieta (Parlamento do GOL), esse indivíduo "tentou causar distúrbios no nosso museu, mas não conseguiu". Este caso foi, no entanto, único, uma vez que não se conhecem outros confrontos entre estruturas organizadas de extrema-direita e a maçonaria.

AS RAÍZES DA
MAÇONARIAgi
grande
investigação
DN

MULHERES MAÇÓNICAS

► São cinco nomes que ficaram na história das maçonas. Mulheres que quebraram tabus e romperam um meio exclusivamente masculino. Aldworth foi a primeira. Outras deram o exemplo em Portugal...

ELIZABETH ALDWORTH

► A "senhora maçom" tornou-se a primeira maçona da história, por ter assistido, às escondidas, às reuniões organizadas pelo seu pai.



A maçonaria também existe no feminino e não pára de aumentar

Maçonas. É um mundo tão secreto como o seu congénere masculino, com ritos e códigos similares e até uma igual proximidade do poder e dos partidos. Mas a maçonaria feminina só há poucas décadas se conseguiu tornar independente. Hoje, a Grande Loja Feminina de Portugal já se estende de norte a sul do País e representa cerca de 400 "irmãs", um grande salto, comparado com as 300 de 2007 e as 150 de há dez anos. Mas não deixou de ser discreta...

RUI MARQUES SIMÕES

Longe vão os tempos em que as "irmãs" francesas tiveram de vir "iniciar" as primeiras maçonas portuguesas. Longe vão os tempos em que as reuniões se realizavam numa antiga garagem lisboeta com uma gruta por trás e em que os membros se contavam pelos dedos de uma mão. A maçonaria feminina cresceu e multiplicou-se. Hoje, são cerca de 400 mulheres – e 14 lojas – sob a égide da Grande Loja Feminina de Portugal (GLFP). Porém, como antigamente, o secretismo ainda dita leis.

Hoje, a maçonaria feminina não é mais nem menos do que a masculina (que durante tantos anos a "controlou" ou relegou

para segundo plano). É igual. "A única coisa que nos faz diferir é que eles são homens e nós somos mulheres. Os objectivos, os princípios, os mistérios são os mesmos", diz ao DN a grã-mestra da GLFP, Odete Isabel (ver entrevista na página ao lado). E, como na congénere masculina, há secretismo, rígidos códigos de conduta e relações próximas com o poder e com o mundo da política.

A grande instituição da maçonaria feminina lusa é a Grande Loja Feminina de Portugal, uma federação de 14 lojas – que se espalham de norte a sul do País, com ênfase em Lisboa e no litoral centro (a Figueira da Foz tem grande tradição maçónica). Na última década, a instituição não tem parado de crescer. As poucas notícias existentes sobre a temática falavam de 150 maço-

As lojas femininas em Portugal

■ RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITE
■ RITO FRANCÊS

- N.º 1 Loja Unidade e Mátria
- N.º 2 Loja Lusitânia
- N.º 3 Loja Invicta
- N.º 4 Loja Claridade
- N.º 5 Loja Sete Irmãs
- N.º 6 Loja África
- N.º 7 Loja Diana
- N.º 8 Loja Isis
- N.º 9 Loja Porta do Ocidente
- N.º 10 Loja Maat
- N.º 11 Loja Nove Irmãs
- N.º 12 Loja Estrela do Sul
- N.º 13 Loja Humanidade
- N.º 14 Loja Boa-Esperança



'Le Droit Humain': irmãos e irmãs juntos na mesma obediência

As principais obediências maçónicas nacionais são, por assim dizer, unissexo. Mas também há correntes minoritárias que aceitam e incentivam a convivência plena entre homens e mulheres, sobre o mesmo chão axadrezado. São as obediências mistas, cujo principal representante nacional é a Federação Portuguesa da Ordem Maçónica Mista Internacional "Le Droit Humain - O Direito Humano". Esta corrente – seguidora do culto criado pelos franceses Maria Desraimes e George Martin, que não distingue "irmãos" maçons pelo sexo ou nacionalidade e pressupõe a sua união sob uma ordem maçónica global – tem vestígios em Portu-

gal desde meados do século XIX, quando as mulheres despertaram para as questões maçónicas (ver texto à direita). Tal como as obediências masculinas e femininas, a célula portuguesa d' "O Direito Humano" também acabou extinta, devido à proibição de sociedades ditas "secretas" no período do Estado Novo. Mas renasceu, mais pujante, no pós-25 de Abril. E hoje tem oito lojas espalhadas pelo País: duas em Lisboa (Humanidade e Athanor), e uma no Porto (Fraternidade), em Évora (Liberalitas), no eixo Nazaré/Alcobaça (União), em Vila Nova de Gaia (Gaia), Braga (Adelaide Cabete) e Aveiro (Estrela da Manhã).



Cerimónia de iniciação de mulheres na maçonaria do século XIX

ADELAIDE CABETE

► Feminista pioneira, também foi líder da loja feminina Humanidade, a primeira a largar o rito de adopção e a usar um rito próprio.

**CAROLINA ÂNGELO**

► Esta maçon fez história ao ser a 1.ª portuguesa a votar (1911), aproveitando um lapso na lei: era viúva e assumiu-se como "chefe da família".

**MARIA VELEDA**

► Contemporânea de Adelaide Cabete e Carolina Ângelo, ficou famosa como defensora da liberdade de consciência e do anticlericalismo.

**HELENA SANCHES OSÓRIO**

► Antiga jornalista, já falecida, fundou a GLFP e foi um dos nomes mais mediáticos da maçonaria feminina do pós-25 de Abril em Portugal.



nas em 2001 e 300 em 2007. Mas, agora, segundo Odete Isabel, haverá "cerca de 400 membros". "Tem sido um crescimento sustentado. Isto não pode ser galopante, tem de ser cuidadoso, cauteloso", explica a grã-mestra, preocupada com a manutenção do nível – de qualidades morais – dos elementos da organização.

Ainda assim, a obediência maçónica não tem posto travão no crescimento. Foi no início dos anos 80 que quatro portuguesas foram a França para serem "iniciadas" e relançarem a maçonaria feminina em Portugal (que estava adormecida desde os anos 20). No início de 1983, criaram a primeira loja (Unidade e Mãria, em Lisboa), mas foram precisos 14 anos para surgir a Grande Loja (com sede na Rua dos Ferreiros a Santa Catarina, em Lisboa). De lá para cá, tem sido sempre a aumentar.

A ligação ao poder e à política

Agora, as maçonas já têm tudo tão bem organizado como os "irmãos" do Grande Oriente Lusitano (que as ajudaram na formação da Grande Loja e com quem hoje têm relações tão próximas que até são visitas das reuniões uns dos outros). Como na obediência masculina, também aqui há reuniões periódicas, eleições e congresso anuais (Odete Isabel foi há pouco reeleita para um segundo mandato como grã-mestra) e pagamento de quotas.

As maçonas seguem os mesmos rituais dos homens – do rito escocês antigo e aceite, embora reconhecendo três lojas com o rito francês (ver infografia ao lado). Sempre num "templo" rectangular com duas colunas e chão axadrezado. E há igualmente uma espécie de "voto de silêncio": é a grã-mestra quem fala publicamente sobre a instituição (e, por isso, nenhuma outra maçon falou do assunto ao DN).

De resto, como na maçonaria masculina, também há nomes "famosos", ligados aos poder e aos partidos políticos... mas especialmente a um. Antigas grã-mestras, como Manuela Cruzeiro, Júlia Maranha ou Maria Belo, foram todas militantes do Partido Socialista – tal como Leonor Coutinho (antiga secretária de Estado da Habitação, num dos Governos de António Guterres), outra mestra maçónica, que disse ao DN já não fazer parte da instituição.

A actual grã-mestra, Odete Isabel (ex-directora dos serviços farmacêuticos dos Hospitais da Universidade de Coimbra e primeira mulher eleita presidente de câmara no pós-25 de Abril, na Mealhada), também foi militante do PS (acabaria expulsa, após uma polémica relacionada com as eleições autárquicas de 2001). Mas desvaloriza qualquer relação partidária, lembrando que política e religião não entram nas reuniões: "Não exigimos crenças a ninguém. Estamos ali para sermos pessoas melhores, milite-se onde se quiser, goste-se ou não de política, seja-se muçulmano ou católico." (ver entrevista ao lado)

Assim, em teoria, qualquer mulher poderá ser uma "irmã" maçon, desde que seja uma "pessoa livre e de bons costumes". E, apesar de todo o mistério envolvente, esse núcleo continua a aumentar...

ENTREVISTA: ODETE ISABEL

Grã-mestra da Grande Loja Feminina de Portugal (GLFP)



CARLOS JORGE MONTEIRO / GLOBAL IMAGENS

Foi a primeira mulher eleita presidente de câmara no pós-25 de Abril e hoje é a representante máxima da GLFP. Odete Isabel diz que a maçonaria pode ser a resposta para a crise e explicar o secretismo que envolve a instituição

“Maçonaria é a bandeira para mudar a sociedade”

Qual é o objectivo de quem adere à maçonaria?

O objectivo é o aperfeiçoamento moral e espiritual: melhora, conhece-te a ti próprio. Maçonaria significa construção para uma humanidade melhor. A sociedade é feita pelos homens. Se cada um se melhorar, a sociedade também fica melhor.

E como é que uma pessoa pode entrar?

Nós andamos atentas às pessoas que partilham dos nossos valores e aproximamo-nos delas. E, agora, com a Internet, a informação é muito mais livre e as pessoas também lá chegam. Mas, atenção, não é maçom quem quer. Há uma deturpação muito grande das coisas e um preconceito enorme: a sociedade tem constantemente algo contra a maçonaria. A partir de determinada altura a igreja excomungou a maçonaria, a Inquisição deu cabo dela, Salazar proibiu-a e ainda hoje há pessoas perseguidas nos seus empregos quando se sabe ou suspeita de que são maçons... Isto responde a quem nos acusa de secretismo: como é que as pessoas não se hão-de defender?

Mas esse secretismo não leva a que haja mais desconfianças quanto à maçonaria?

É o equilíbrio que tem de haver, até que a sociedade se torne menos intolerante e a tolerância domine a intolerância. É perfeitamente lícito que as pessoas se defendam.

Passados mais de dois séculos sobre o nascimento da maçonaria, os seus valores continuam actuais?

Sim. Nestes tempos de verdadeiro terrorismo social, em que há uma diferença enorme entre

os que têm tudo e os que nada têm, em que se nacionalizam os prejuízos e se privatizam os lucros, a maçonaria é uma bandeira que tem de ser hasteada para mudar a sociedade. Só com mais humanidade se dará aos homens mais condições. Se fizermos sentir os nossos valores – liberdade, igualdade, fraternidade – e os fizermos multiplicar na sociedade, poder ter a certeza de que as pessoas não adiarão os seus anseios de vida, terão direito a eles na altura própria.

Como descreve a organização interior e as actividades da maçonaria feminina?

Sendo uma ordem iniciática, a maçonaria feminina organiza-se como qualquer outra instituição. Tem as suas constituições, os seus regulamentos. Reúne de 15 em 15 dias, de mês a mês, consoante cada loja entende, e aí segue os seus rituais. O que se discute? Questões previamente anunciadas, temas ligados à sociedade, filosóficos, simbólicos. Não se fala nem de política nem de religião. A intenção é outra: é olhar para dentro, não para fora, milite-se onde se quiser, goste-se ou não de política, seja-se muçulmano ou católico. Depois, as achesas [para a discussão] saem da cabeça de cada um, com esta base do aperfeiçoamento individual. É daí que saem coisas tão lindas como a lei do Serviço Nacional de Saúde feita pelo dr. António Arnaut [que foi apresentada primeiro no Grande Oriente Lusitano, antes de ser revelada publicamente]. Isso pode voltar a acontecer agora. Esta democracia está doente e a bandeira da maçonaria pode ajudar a resolver o problema. R.M.S.

Da vigilância masculina à independência de facto

A irlandesa Elizabeth Aldworth tornou-se a primeira maçon da história, quase por acaso, depois de assistir secretamente às reuniões maçónicas promovidas pelo seu pai, em Cork (Irlanda), em 1712. Mas foram precisos largos anos (séculos, mesmo) para a maçonaria feminina se afirmar – em Portugal, a independência de facto só chegou mesmo depois do 25 de Abril.

Nas origens, o acesso das mulheres à maçonaria era muito limitado – quando não completamente vedado. “Desde o século XVIII que, em França, as mulheres frequentavam banquetes e festividades não rituais. Depois, para apaziguar as ambições femininas, foram criadas as primeiras lojas de adopção [não tinham ritos próprios], que funcionavam sob tutela masculina”, explicou, ao DN, António Ventura, historiador e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Já em Portugal, as primeiras lojas femininas surgiram em meados do século XIX e também praticavam “o rito de adopção”. Todavia, no início do século XX, pela mão de Adelaide Cabete (uma famosa activista dos direitos das mulheres), deu-se a emancipação: a sua loja Humanidade, que estava integrada no Grande Oriente Lusitano Unido (GOLU), “foi pioneira, ao abandonar o rito de adopção e passar a ter um rito próprio”, conta António Ventura.

O gesto foi mal encarado pelos “irmãos” masculinos. A Humanidade acabou por deixar o GOLU e integrar a Ordem Maçónica Mista Internacional “Le Droit Humain”. Mas, minada pela falta de fraternidade masculina e pela perseguição do Estado Novo, acabaria por desaparecer.

Resultado? A maçonaria feminina renasce no País no pós-25 de Abril, encontrando a sua maior expressão na Grande Loja Feminina de Portugal (GLFP). Além desta, existe ainda a Ordem Maçónica Internacional do Rito Antigo e Primitivo Memphis Misraim, que foi criada em 2009 e é a primeira estrutura feminina nacional a praticar o Rito Antigo e Primitivo Memphis Misraim. Esta obediência é ainda mais discreta que a GLFP e as suas práticas são inspiradas nos rituais do Antigo Egipto, com uma forte carga espiritualista e esotérica. R.M.S.

AS RAÍZES DA
MAÇONARIAgi
grande
investigação
DN

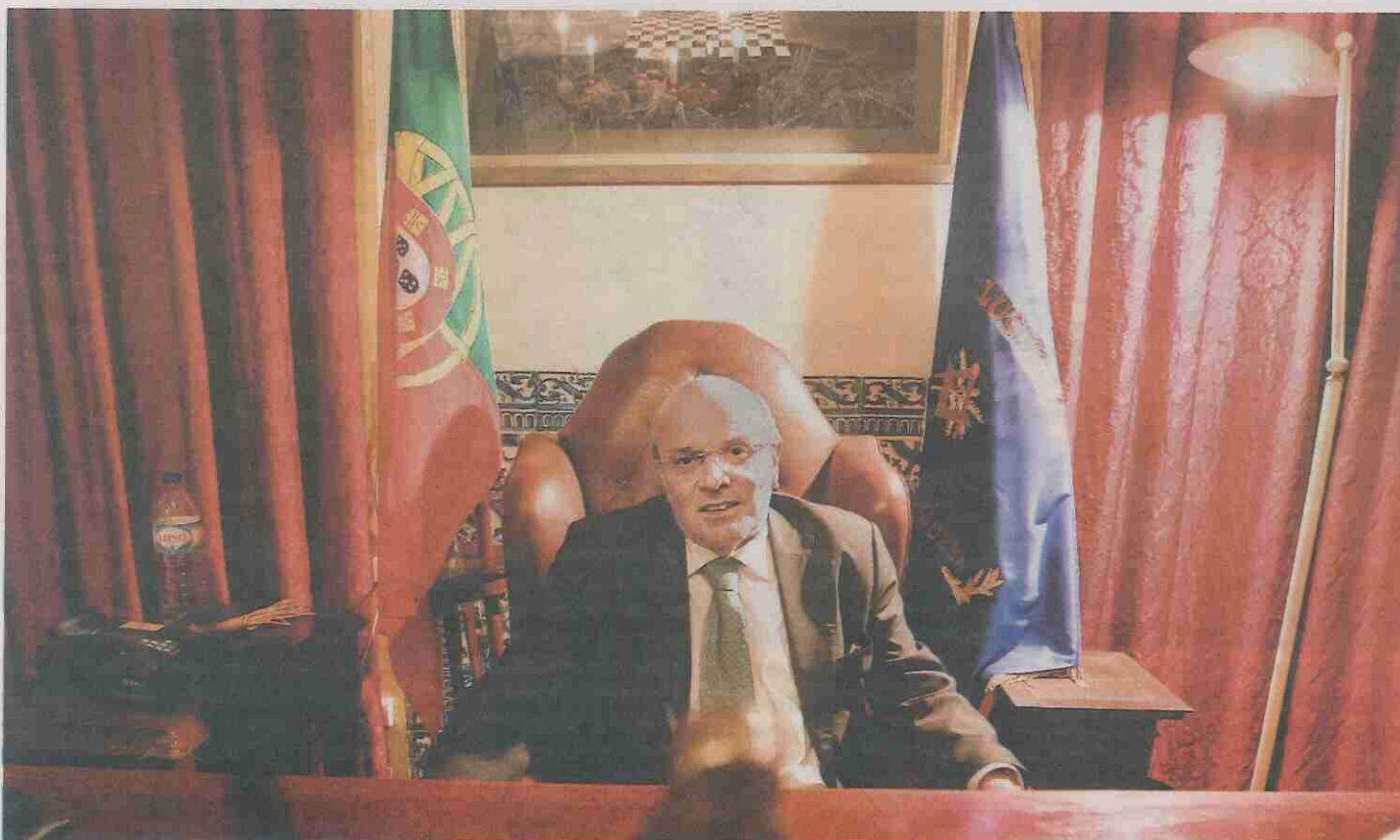
UMA OBEDIÊNCIA COM SEIS MESES

► Nasceu no dia 21 de Maio de 2011 e foi apadrinhada pelo Grande Oriente Lusitano. A Grande Loja Simbólica de Portugal define-se como "primeira potência maçónica em Portugal a praticar o Rito Antigo e

Primitivo de Memphis Misraim, de uma forma regular, respeitando integralmente os Rituais da Antiga Tradição Egípcia". O rito é considerado pela obediência como o mais "esotérico e discreto".

ENTREVISTA: FERNANDO LIMA VALADAS

Grão-mestre do Grande Oriente Lusitano



Crescer O grão-mestre do Grande Oriente Lusitano (GOL) tomou posse no final de Setembro e acredita que a obediência tem condições para continuar a crescer, mesmo tendo duplicado os seus membros nos últimos seis anos. Admite que há quem esteja no GOL por carreirismo, mas condena o nepotismo. Diz desconhecer o 'caso Nobre'

“Não é a maçonaria que está no Parlamento mas os maçons”

RUI PEDRO ANTUNES

Tendo tomado posse há pouco tempo, quais são os seus principais objectivos para este mandato?

Há um objectivo que é inerente a qualquer grão-mestre: manter a tradição do GOL desde há 200 anos. Em termos de coisas mais imediatas, naturalmente que há várias ideias. Uma delas é a criação do Instituto Português de Estudos Maçónicos, que consiste num centro de investigação científica e de ensino livre que permita elaborar trabalhos sobre a nossa história, valores, filosofia e espiritualidade.

E quando é que está prevista a inauguração desse instituto?

Pretendíamos que, até final do ano, o instituto estivesse, pelo menos, constituído juridicamente.

E a passagem do GOL a fundação... Como está o processo?

O reconhecimento da fundação não foi feito, mas é um projecto que se mantém de pé. Falta sobretudo um reconhecimento por parte do Governo.

O GOL nada pode fazer para acelerar esse processo?

Não. O GOL é uma entidade como outra qualquer em Portugal. Pediu a aprovação e sujeita-se aos critérios existentes.

Outra questão associada à maçonaria é o nepotismo. Há pessoas que vão para o GOL para serem favorecidos na sua carreira profissional ou política?

Não estou na cabeça dos mais de dois mil maçons. Agora, sei que qualquer grande instituição, seja o GOL ou outra, tem boas pessoas e, infelizmente, por excepção, pode ter pessoas que nem sempre comungam dos princípios saudáveis. Posso admitir isso. Hoje existem maçons bem colocados em grandes empresas...

Em grandes, em médias, em pequenas e em todos os sectores da sociedade. Mas são mais predominantes em áreas como, por exemplo, a política.

Sim, mas também não sei se os políticos são maioritários. Às vezes há aqui uma distorção de perspectiva da lupa. Como há visibilidade nesse sector, toma-se a parte pelo todo.

Também defende que não é a maçonaria

que tem poder, mas sim os maçons?

Volto a repetir: a maçonaria não é uma organização que age colectivamente. É uma escola de valores e cada um aplica-os na sociedade à sua maneira.

Mas quando Fernando Nobre se candidatou à presidência da AR houve maçons que foram pressionados a votar nele.

Não tenho conhecimento desse facto, e se isso fosse verdade era reprovável.

É o primeiro grão-mestre dos últimos dez anos que não é oriundo da política. O GOL está a desinteressar-se pelo sector?

Não sou filiado em partido político nenhum e nunca fui.

Mas apoiou Manuel Alegre nas presidenciais.

Sim, fui membro da Comissão de Honra. É evidente que exerço os meus direitos políticos como qualquer outro cidadão, mas isso não tem um significado especial.

Entre os políticos do GOL, os socialistas são maioritários?

Nós não perguntamos qual é a filiação partidária dos membros do GOL. Agora admito que seja absolutamente transversal. Aqui não se discute política partidária.

Como é que vê o Opus Dei?

A nossa relação com o Opus Dei é sempre a melhor.

Não é o "inimigo"?

Não. Nós temos alguma tendência no nosso inconsciente colectivo de fazer teorias da conspiração, e às vezes fazem teorias da conspiração. Mas não há inimizade nem com o Opus Dei nem com a Igreja Católica, antes pelo contrário. Eu diria mesmo que há pontos em que os nossos valores se tocam com os da Igreja.

E qual a relação que tem com a maçonaria regular (GLLP)?

Institucionalmente não há relação, mas do ponto de vista individual todos nós nos damos bem uns com os outros.

O Internato de São João e a Sociedade Promotora de Escolas estão ligados ao GOL?

Sim. Têm ligações profundas. Estão englobados naquelas instituições a que gostamos de chamar de para-maçónicas.

A maçonaria não se poderá abrir mais à sociedade?

A maçonaria é por natureza discreta. É clássico dizer-se que o segredo dos maçons está no íntimo de cada um. Não somos uma sociedade secreta, mas somos discretos. Os segredos das famílias, do conselho de administração de uma empresa ou do Conselho de Ministros também não vêm cá para fora.

Há solidariedades mais fortes do que as maçónicas?

Seria enganar-nos a nós próprios se dissermos que um maçom que cultiva a fraternidade entre os diversos irmãos não esteja sempre pronto e solidário para ajudar esses irmãos.

Porque custa tanto admitir à maçonaria que está, por exemplo, no Parlamento?

Não é a maçonaria que está no Parlamento, mas sim os maçons.

Mas foi um ex-grão-mestre do GOL, o António Arnaut, que disse que "onde está um maçom está a maçonaria".

Não. Onde está um maçom, estão os princípios da maçonaria.

Mas quando um maçom vota...

Vota de acordo com a sua consciência e os seus valores. Não vota de acordo com indicações!

Essa é uma percepção que os "profanos" têm...

Mas não é verdadeira.

O GOL duplicou, em seis anos, os seus membros. Tem condições para continuar a crescer ou a selecção está mais apertada?

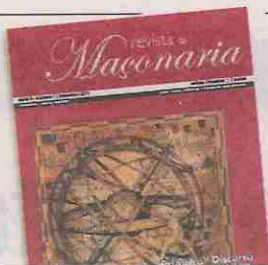
Tem condições para continuar a crescer, mas os critérios de selecção têm de ser sempre muito rigorosos, exactamente porque a maçonaria cultiva valores que nem todos estão aptos para cultivar.

Quando investigam um indivíduo antes de entrar para o GOL, que tipo de meios utilizam para escrutinar o seu passado?

Tem de ser um homem livre de bons costumes. Por exemplo, se é uma pessoa que tem cadastro criminal, não será uma pessoa de bons costumes.

A 'REVISTA DA MAÇONARIA'

► O nome diz tudo: a *Revista da Maçonaria* é o novo órgão de comunicação social da instituição e "vai mudar o panorama e aproximar as obediências", diz um maçom ao DN. Trata-



-se de um relançamento. A revista já teve uma primeira série, com quatro números, iniciada em 2004, sob direcção de Paulo Nogueira, figura influente da GLRP. E vai ser (re)lançada na

quarta-feira, dia 16, sendo apresentada às 18.30, no Picoas Plaza (Lisboa). Inclui textos de Fernando Lima (GOL), Maria Belo (GLFP) e José Moreno GLLP/GLRP, entre outros.

ENTREVISTA: JOSÉ MORENO

Grão-mestre da Grande Loja Legal de Portugal-GLRP



Poder José Moreno diz que uma das grandes diferenças entre a GLLP e o GOL é que a sua obediência não se mete em questões partidárias. Confessa que cada vez mais jovens procuram a GLLP, que tem uma grande lista de espera. O grão-mestre da maçonaria regular quer que os maçons tenham mais influência nos diversos sectores da sociedade

“Temos gente de todos os partidos e até dirigentes”

RUI PEDRO ANTUNES

É grão-mestre desde o ano passado. Que objectivos definiu para o seu mandato à frente da GLLP-GLRP? A maçonaria é intemporal e nunca é um projecto pessoal. Daí que definir objectivos tem mais a ver com valores do que propriamente com objectivos. Porém, posso indicar que tínhamos o objectivo de atingir todo o território nacional, o que já fizemos. Temos lojas em todos os países PALOP e cobrimos o território nacional plenamente. Temos um outro objectivo, que é termos uma sede nova ou termos melhores instalações. E aí até penso que os poderes públicos nos podiam ajudar, pois têm aí tantos espaços abandonados a que podíamos dar uso... Por outro lado, naturalmente queremos ter mais influência na sociedade. Pretendemos ser um apoio nos campos social e cultural. Nas IPSS (instituições particulares de solidariedade social) já estamos a trabalhar, ainda que anonimamente. Porque optam pelo anonimato? Nos países latinos, como o nosso, que saem

de ditaduras, há muitas calúnias sobre a maçonaria, e ela não é assim tão bem vista. Daí que às vezes haja necessidade de nos salvaguardarmos. A Igreja não aceita a maçonaria. Como lidam com isso, uma vez que muitos dos elementos são católicos? Dos contactos que tenho com a hierarquia católica, não me manifestam isso. Penso que na minha obediência a maioria dos maçons são católicos. Não vejo qualquer incompatibilidade. Não olha para a Igreja como um “inimigo”? Pelo contrário. Eu até sou crente católico. E há diversas outras religiões. Lembro-me que, quando foi criada a GLLP, há 20 anos, o líder da comunidade islâmica era membro, e o da judaica também o era. Às vezes até conseguimos conciliar o inconciliável. Numa conjuntura de crise económica, há quem diga que também de valores, onde se enquadra a maçonaria? Temos de ser mais intervenientes. Não é por acaso, quando me fala em crise de valores, que nós, por exemplo, estamos a ser muito procurados por jovens universitários. Por gente jovem. Contrariamente ao que acon-

tece noutros países, nós somos bastante procurados pela juventude. Se calhar é alguém que anda à procura de valores, porque outras instituições falharam quando essas pessoas as procuraram. A maçonaria não deixa de ser uma elite ao aceitar esses jovens ou segue requisitos apertados? Nós queremos que isto seja uma elite de homens bons, e, na verdade, não entra para a maçonaria quem quer. Nós temos muita gente a querer entrar, e os processos demoram muito. Por outro lado, quem quiser entrar tem de ter alguém que o proponha, aquilo a que vulgarmente se chama “padrinho”. Os maçons também têm de ter para o sustento. Pretendemos que venham cá para se aperfeiçoar. Se já antes eram boas pessoas, o nosso desejo é que sejam melhores ainda. Quais são as grandes diferenças entre a GLLP e o GOL? Fui diversas vezes convidado para integrar o GOL, mas nunca me identifiquei completamente. Há duas grandes diferenças: nós temos de acreditar num ente superior, e lá não; a outra é que não nos metemos em questões partidárias.

Acredita que a GLLP tem mais maçons do que o GOL?

Não sei quantos o GOL tem. E até lhe digo mais: chego a mandar pessoas para o GOL. Penso que não terão mais do que nós. Mas, enfim, isso também não me preocupa grandemente. Nós cobrimos o território nacional e os países de língua portuguesa. E se o GOL tem dois mil, nós também.

E o nepotismo maçónico, assume que possa existir?

Isso é um mito. Naturalmente, se sou seu amigo e o senhor me pede uma coisa, eu ajudo-o. Nós os maçons, se somos solidários com a sociedade, é natural que também o sejamos entre nós. Agora, que se prefira um maçom a um profano, não tenho conhecimento disso. O facto de estarem em bons cargos é porque é natural que os maçons, que são gente com vocação e às vezes com apetência para se afirmarem nas mais variadas circunstâncias, se afirmem nos clubes, nos partidos e sejam nomeados para isto e para aquilo, porque, de facto, são bons.

A influência de alguns maçons na sociedade é visível. Os maçons acabam por estar em grandes empresas, em cargos políticos e públicos de algum relevo...

Tem a ver com as qualidades das pessoas. Quem prosseguir os valores maçónicos, está condenado ao sucesso.

A obediência não procura ter pessoas em lugares influentes?

Não. Nós atravessamos a sociedade na horizontalidade, temos de todos os saberes. E, naturalmente, há cá políticos, mas também há advogados, médicos, jornalistas, etc..

Os seus vice-grãos-mestres, Rui Paulo Figueiredo e Júlio Meirinhos, são do PS...

Sim. São dirigentes do PS...

E o dr. foi assessor de Manuela Ferreira Leite...

Fui assessor de várias pessoas...

Há quem associe o PS ao GOL e a GLLP ao PSD. É mesmo assim?

Devo dizer-lhe que não estamos associados a nenhum partido. Temos gente de todos os partidos. E temos dirigentes, até, de alguns partidos. Se um PS, ou um certo PS, manda no GOL ou deixa de mandar, não sei. Na GLLP nenhum partido manda. E somos reconhecidos por todo o mundo.

Há alguma relação internacional mais intensa que queira destacar?

Nós estamos muito interessados na lusofonia, e com isso já tivemos proveitos, como a passagem do português a língua oficial da maçonaria.

Partiu de alianças com o Brasil?

Com o Brasil e outros países de língua portuguesa. Onde se fala português, nós estamos lá para trabalhar em prol da lusofonia.

Às vezes, os maçons da GLLP não se acabam por “denunciar” com a pertença a organizações como a Associação de Amizade EUA/Portugal, o Instituto Transatlântico Democrático ou o OSCOT?

Eu não lhe gostaria de falar em nada em particular. Mas não estão aí só maçons. Isso não quer dizer que acabem se por denunciar.